

Editorial

Sacrosanctum Concilium e Inter Mirifica: a celebração dos 60 anos de dois grandes documentos do Concílio Vaticano II

Editorial

*Sacrosanctum Concilium e Inter Mirifica:
the sixty years celebration of two great documents of the
Second Vatican Council*

O dossiê deste número de *Pesquisas em Teologia* é dedicado à celebração do jubileu de 60 anos de dois grandes documentos do Concílio Vaticano II, ambos promulgados em 04 de dezembro de 1963: a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, e o Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de Comunicação Social.

Dividida em sete partes, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*¹ parte do tema da natureza da liturgia, nos seus nn. 5-7, passando depois a refletir sobre a Eucaristia, os sacramentos e os sacramentais, o ofício divino e o ano litúrgico, tocando ainda no tema da música e da arte sacra. O documento aborda assim, de modo bastante amplo, o mistério da liturgia, não somente recordando que esta é mais do que simplesmente seus ritos, mas é continuação da obra redentora de Cristo (SC 6), mas indicando, ainda, o que seria necessário realizar em vista de uma verdadeira renovação litúrgica, sustentada por sólidos pilares teológicos e espirituais.

Dentre tantos temas profundos e relevantes que foram tratados pela SC, poderia ser destacado o tema da presença de Cristo na Liturgia, conforme vem exposto em seu n. 7:

Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz”, quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela Sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Cristo está na presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Em virtude disso, a liturgia se torna o lugar por excelência do “encontro com o Senhor”. Em sua recente Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, de 29 de junho de 2022, o Papa Francisco recordou essa verdade fundamental da fé cristã:

¹ Daqui em diante referida pela abreviação SC.

A Liturgia garante-nos a possibilidade desse encontro. Não nos basta ter uma vaga recordação da última Ceia: nós precisamos de estar presentes nessa Ceia, de poder ouvir a sua voz, de comer o seu Corpo e beber o seu Sangue: precisamos d'Ele. Na Eucaristia e em todos os sacramentos é-nos garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pela potência da sua Páscoa. (...) O Senhor Jesus, que “foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre”, continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com a potência dos seus sacramentos. É o modo concreto, pela via da encarnação, com que nos ama; é o modo com que sacia aquela sede de nós que declarou na Cruz (Jo 19,28). (DD, n. 10)

Enquanto parece mais facilmente reconhecida e identificada pelos fiéis, no âmbito pastoral, a presença de Cristo, particularmente quando se trata da celebração da Eucaristia, nas espécies eucarísticas e no ministro que preside a assembleia, ainda é necessário refletir teologicamente e formar pastoralmente o povo de Deus, para que reconheça que também na assembleia, ou seja, no povo congregado para celebrar os mistérios do Senhor, e na Palavra proclamada no culto, também ali o Cristo se faz presente. Elucidativas, no que tange à presença de Cristo na assembleia reunida, são as palavras de um grande teólogo da Igreja Ortodoxa, Pe. Alexander Schmemmann, falecido em 1983:

A liturgia eucarística é o sacramento da assembleia. Cristo veio para reunir os filhos de Deus que estavam dispersos (Jo 11,52). Desde as origens, a eucaristia foi compreendida como a manifestação e a realização da unidade do novo povo de Deus, reunido por Cristo e em Cristo. É necessário sermos plenamente conscientes que nos encontramos na Igreja não para rezar individualmente, mas para nos reunirmos na assembleia eclesial. A Igreja visível é a figura da invisível, daquela que não foi feita pelas mãos do homem (Mc 14,58). Por isso, assembleia é efetivamente o ato litúrgico primário, fundamento de toda celebração(...) Quando digo que vou à Igreja isso significa que vou à assembleia dos fiéis para constituir a Igreja com eles, para ser aquilo que me tornei no dia do meu batismo, um membro do Corpo de Cristo, no sentido mais pleno do termo (1 Cor 12,27).²

A assembleia cristã é a realização plena daquela assembleia reunida por Deus no Antigo Testamento. Essa assembleia é indicada no AT pelo termo hebraico *qahal*, traduzido na LXX por *sinagoge* ou *ekklesia*, ou ainda por outros termos, embora sejam esses dois que predominem. Nos Salmos e, em geral na literatura de caráter hínico ou litúrgico (Jl 2,16), o termo *qahal* designa, sobretudo, a assembleia de culto, o povo que se reúne para oferecer a Deus o seu culto de louvor. Pode-se afirmar que o povo de Israel se autocompreendia não somente como um povo separado que, por isso, devia obedecer aos preceitos que o distinguiam dos outros povos. Israel compreendia-se também como povo reunido para prestar a Deus o seu culto de louvor: é a “assembleia cultural do Senhor”. Nessa assembleia, a presença de Deus se fazia sentir: *Ora, quando os sacerdotes saíram do santuário, a Nuvem encheu o Templo do Senhor e os sacerdotes não puderam continuar o seu serviço, por causa da Nuvem: a glória do Senhor enchia o Templo do Senhor* (1Rs 8,10-11).

Israel é prenúncio do novo povo de Deus, a “Igreja”, assembleia convocada,

² SCHMEMANN, A. L'Eucaristia: sacramento del Regno, p. 25.

eleita, santificada pelo Sangue do Cordeiro Imaculado (Ap 7,14) e que deve ser, no mundo, um sinal-sacramento para todos os povos. Se Israel foi outrora um sinal da salvação que Deus queria dar a todos os homens, a Igreja é agora este sinal/sacramento da salvação e da comunhão entre os homens e dos homens com Deus. Deus reuniu Israel, para mostrar através dele seu desejo de reunir os homens dispersos pelo pecado. Deus reuniu a Igreja, composta de todos os povos, línguas e nações, para manifestar através dela seu desejo de reunir a humanidade inteira, santificada pelo Sangue do Cristo e vivificada pelo seu Mistério Pascal.

No NT, Jesus faz a promessa de estar presente no meio dos seus: “*Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles*” (Mt 18,20). E ainda: “*E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!*” (Mt 28,20). Aqui está o mistério da assembleia cristã: é uma assembleia convocada. Desde o batismo o cristão é vocacionado à assembleia. É ali que ele manifesta, de modo ainda mais explícito, a sua “qualidade de membro do corpo de Cristo”. Para Paulo, é muito cara a imagem do Corpo de Cristo para explicar o mistério da Igreja (1Cor 12,12-20; Cl 1,18). Quando se reúne para a liturgia, a Igreja se manifesta de modo mais explícito como Corpo de Cristo.

Alexander Schmemmann, cujo texto foi citado mais acima, afirma que a “assembleia é o ato litúrgico primário”.³ Tal afirmação está bem de acordo com o Missal, fruto da reforma litúrgica proposto pelo Concílio Vaticano II e posta em curso depois da publicação da SC. O ordinário do Missal, cuja nova tradução chega às comunidades brasileiras no primeiro domingo do Advento, véspera do aniversário de 60 anos da SC, começa com a indicação “*Reunido o povo*” (*Populo congregato...*) – a primeira forma de presença do Cristo se constitui antes mesmo que a liturgia se inicie: é o povo de Deus que se reúne para celebrar os divinos mistérios. É Cristo que, na força do Espírito, torna a assembleia cristã uma epifania da sua presença. É Cristo quem torna possível a vivência desse “mistério de unidade”, tantas vezes enfatizado pelo Papa Francisco, que começa na assembleia litúrgica e que deve continuar pelas outras atividades da vida de cada cristão. Tudo começa ali, na liturgia, que é “cume e fonte toda a vida cristã” (SC 10) e se deve desdobrar na liturgia vivida.

O segundo documento cujo jubileu de 60 anos é celebrado com este dossiê, o Decreto *Inter Mirifica*⁴, reflete sobre o avanço dos meios de comunicação social e de como estes, entre as “admiráveis invenções da técnica” (IM, n. 1), poderiam ser utilizados positivamente, a fim de se “propagar e firmar o Reino de Deus” (IM, n. 2). O Decreto não deixa de recordar, contudo, que nem sempre tais meios são empregados de modo positivo, e chega a afirmar que a Igreja, “*com materno sentimento de dor, angustia-se pelos danos causados muito frequentemente à sociedade humana pelo mau uso deles*” (IM, n. 2). Tais palavras soam muito atuais, num tempo em que a divulgação em massa de *fakenews* e o uso indevido das IA’s tem causado tanto mal e prestado grande desserviço à humanidade. Contudo, a ênfase do Decreto IM está no aspecto positivo de tais meios de comunicação social, que já avançaram muito nestes 60 anos, e que devem ser empregados com inteligência, para que a boa nova do Evangelho da paz chegue ao coração de todos os

³ SCHMEMANN, A. L’Eucaristia: sacramento del Regno, p. 25.

⁴ Daqui em diante referido como IM.

homens e mulheres de nosso tempo. Muitas e significativas reflexões tem surgido nesse âmbito, e é notável o número de teólogas e teólogos que se dedicam com afinco ao tema da Comunicação Social, aprofundando suas teorias e, o mais importante, engajando-se na tarefa de transformar em prática tais teorias, a fim de que estejam a serviço da verdade e da paz, em uma palavra, da verdadeira evangelização.

Aprofundar o estudo acerca desses dois preciosos documentos do Concílio Vaticano II é, sem dúvida, um grande contributo que a revista *Pesquisas em Teologia* dá para a área de Ciências da Religião e Teologia, oferecendo um dossiê tão rico, com contribuições importantes de discentes e docentes de várias regiões do Brasil.

Fabio da Silveira Siqueira

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: fabio-siqueira@puc-rio.br